

ARNO PREIS



DOS LIVROS ÀS ARMAS

APRESENTAÇÃO

* LIONES ROCHA

Este trabalho não tem a pretensão de "caçar bruxas", contra remanescentes do regime ditatorial, imposto ao povo brasileiro pelo golpe de 1964, mas sim o compromisso com o resgate da cidadania de um daqueles que lutaram pela reabertura democrática, pela liberdade de pensamento, pelo respeito aos direitos humanos e contra o silêncio diante de denúncias de corrupção com o dinheiro público. Falamos de ARNO PREIS, mais conhecido pelos organismos de repressão de então como Patrick MC Bund Cornick ou ainda Werner, um dos líderes do Movimento de Libertação Popular (MOLIPO), que, à exemplo de tantos outros que lutaram pelos seus ideais, foi vítima de perseguição, pagando com a própria vida na busca incessante de dias melhores. Prestamos também uma singela homenagem à Edmundo (recentemente falecido) e Paulina Back Preis que amargaram a dor do misterioso desaparecimento do filho, como tantas outras famílias, no decorrer desses longos anos.

ARNO PREIS, irmão do deputado estadual João Preis (Partido Progressista/PR) era uma pessoa culta, dominava vários idiomas, destacou-se como um dos militantes do centro acadêmico onze de agosto da Faculdade do Largo de São Francisco (SP) – No curso de Direito – e, o mais importante, lutava por aquilo que acreditava.

Foi assassinado em Paraisópolis do Norte (TO), numa trama perpetrada por policiais que, pelas evidências, pretendiam ficar com a vultosa soma de dinheiro que supostamente se encontrava na sua pasta, bem como o de prestar um serviço ao doi-codi, um dos mais conhecidos organismos de tortura contra os "inimigos declarados" do regime de exceção. Destaca-se para a concretização deste trabalho, a comissão externa para localização de desaparecidos políticos da Câmara Federal, presidida pelo deputado e Jornalista Nilmário Miranda (Partido dos Trabalhadores / MG). Através de uma meticulosa investigação esta comissão vem obtendo avanços significa-

tivos em seus objetivos, dentre os quais a localização dos restos mortais de Arno Preis e o resgate de sua cidadania.

No momento em que a sociedade brasileira exige a deposição de um presidente da República por envolvimento com corrupção, clama por punições contra parlamentares desonestos, como está ocorrendo com o episódio das falcatruas cometidas no orçamento da União, junto ao Congresso Nacional, devemos fazer uma reflexão. Nada disso seria de conhecimento da imprensa e, consequentemente, do povo se a luta de homens como ARNO PREIS tivesse sido em vão. "Liberdade que sera tamen" ... "Lis litem generat".

* LIONES ROCHA é correspondente em Brasília dos Jornais "Indústria e Comércio do Estado do Paraná" e do "O Paraná".

"NÃO TEMAS AQUELES QUE MATOM O CORPO, PORQUE ELES NAO PODEM MATAR O ESPIRITO".

(Mateus, 10,28)

O relato que se segue, pretende tão somente resgatar a memória e o corpo de ARNO PREIS, o oitavo filho de Edmundo e Paulina, que está sendo devolvido à sua família e que hoje pode receber o seu túmulo e o seu atestado de óbito.

Não se pretende aqui discutir a forma que ele e seus companheiros escoheram para lutar contra a ditadura que se instalou no Brasil em 1964, mas se tem a convicção de que todos foram movidos pelo sentimento patriótico de viver e até morrer pelo seu país!

Não é a volta por cima, nem tão pouco a vingança cultivada em silêncio ao longo destes anos intermináveis. Não é o julgamento das ações de ARNO PREIS, as que realmente fez e as que lhe foram atribuídas. Não se pretende sacrificá-lo, mas mostrar que ele apenas lutou, como podia, por aquilo que depois da vida é o que se tem de mais precioso, a liberdade!

ARNO PREIS era o oitavo filho de Edmundo e Paulina Preis, nasceu em Forquilhinha, Crisciumá - SC, aos 08 de julho de 1934. Com sete anos foi para o Seminário dos Franciscanos, em Luzerná - SC, e mais tarde para o de Rio Negro - PR. Posteriormente foi transferido para o Seminário de Aguados - SP, e permaneceu na capital paulista, onde cursou Direito na Universidade de São Paulo, nas arcadas do Largo de São Francisco.

Esta seria uma trajetória comum na vida de um cidadão, que em pouco tempo, já não se poderia retratar de forma tão comum! Porque ARNO, o filho de Paulina e Edmundo, chamava atenção pela sua inteligência e obstinação em alcançar seus objetivos.

Como ex-seminarista e poliglota, dominava fluentemente onze idiomas: japonês, grego, latim, inglês, português, italiano, espanhol, francês, romeno, alemão e russo. Traduziu para o português, três livros japoneses: Kamikaze, Cruz Vermelha e Iwo Jima.

Profundo conhecedor da cultura popular brasileira, dominava como poucos a capacidade de dialogar como forma de buscar solução para os impasses. Preparou-se durante toda a sua vida para prestar o concurso para o Itamarati, quando realizaria um grande sonho: seguir a carreira diplomática!

"ENTAO NUM DETERMINADO MOMENTO, UM HOMEM, UMA MULHER OU ATÉ CRIANÇAS DESAPARECERAM. SÃO ARRANCADAS DO MEIO DA RUA, SÃO ARRANCADAS DE SUAS CASAS E DE SEUS LOCAIS DE TRABALHO E NINGUÉM SABE INFORMAR".

(Hélio Silva - Historiador)

Com a derrubada do Presidente João Goulart, e, 1964, pelo golpe militar, deflagrou-se uma guerra fria e silenciosa no País. Criaram-se dezenas de organizações de esquerda, onde os militantes se dividiam: uns pegaram em armas e outros preferiram a resistência pacífica aos atos de arbitrio que se sucederam.

Com o ciclo da ditadura instalado, aos militantes de esquerda se multiplicavam por todo o Brasil. Se de um lado os terroristas "assaltaram bancos, seqüestraram e assassinaram", de outro, "prenderam-se pessoas ilegalmente, torturaram e mataram". Enfim, milhares de pessoas com direitos políticos cassados, outros exilados e até hoje centenas constam na lista dos "desaparecidos".

Inconformado e angustiado com as consequências da instalação do regime militar que direcionava os rumos político, social e administrativo do Brasil, ARNO PREIS, tomou posição em favor da luta armada, como forma de se opor à ditadura, resgatando o direito do povo de participar democraticamente da vida institucional do seu País. Tornou-se militante da Aliança Libertadora Nacional – ALN, que foi fundada por Carlos Marighella, passou algum tempo em Cuba, e voltou ao Brasil, integrando o Movimento de Libertação Popular – MOLIPO.

Só quem viveu, ou sentiu na carne as consequências daquele período, pode avaliar uma decisão como esta. Porque naquela época, para muitos a idéia de liberdade só poderia se tornar viável, através das armas.

"QUANDO SE SENTE BATER NO PEITO, HERÓICA PANCADA DEIXA-SE A FOLHA DOBRADA ENQUANTO SE VAI MORRER".

(TOBIAS BARRETO - versos que estão inscritos no pátio da Faculdade do Largo de São Francisco)

"ARNO PREIS, COMO TANTOS OUTROS, DOUROU UMA FOLHA DO LIVRO DA HISTÓRIA E IMOLOU-SE NO SERTÃO DE GOIÁS, PASSANDO A SER PARTE DA PRÓPRIA HISTÓRIA.
COMPETE A NÓS, AGORA, RETOMAR A SUA LEITURA, A PARTIR DAS NOVAS PÁGINAS QUE FORAM ESCRITAS".

(IVO SOOMA - Advogado e amigo da Família Preis)

A deposição do presidente eleito, a centralização das decisões, que só serviam aos interesses internacionais, o fechamento do Congresso Nacional, a cassação de mandatos, aposentadorias compulsórias de magistrados, membros do Ministério Público, pesquisadores, funcionários públicos civis e militares, intervenção em Sindicatos e órgãos estudantis, perseguição aos seus líderes, censura à imprensa, o acordo MEC-USAID, que reformulou o ensino brasileiro, matando todas as formas de liderança desde o início, provocaram em muitos brasileiros o mesmo sentimento de indignação cívica que trouxe conta de ARNO PREIS, levando-o dos livros às armas.

Durante anos, Paulina e Edmundo tentavam resgatar o vínculo físico com seu filho querido, com o filho que prometia um futuro tão brilhante, mas a prisão, a tortura, o massacre físico e psicológico não era "privilegio" apenas dos militantes, todo este aparato repressivo se estendia às suas famílias, aos seus amigos, e a qualquer um do povo que a eles demonstrasse solidariedade humana.

Foi amargo e dolorido para alguns, mas foi cruel e desumano para muitos!

Quem não concordasse com o projeto centralizador e anti-nacional que se instalou, poderia sofrer as consequências, por vezes, trágicas, dessa discordância.

"A LUTA PELA ELUCIDAÇÃO DA SITUAÇÃO DOS DESAPARECIDOS E DOS MORTOS E PELO ESCLARECIMENTO DAS CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE OCORREM AS MORTES, O DESAPARECIMENTO DE CADA OPOSITOR DO REGIME, É TAREFA DE TODOS NOS BRASILEIROS, PARA QUE NÃO TENHAMOS O RISCO DESTES FATOS VOLTAREM A ACONTECER".

(FRANCISCO KUSTER - Deputado Estadual de Santa Catarina, em pronunciamento no ano de 1983)

Hoje, graças ao empenho, ao trabalho incessante da família e de muitos dos amigos do ARNO PREIS, se pode contar a verdadeira história do filho de Paulina e Edmundo, que foi morto em confronto com policiais civis e militares, em Paraíso do Norte de Goiás, agora, Paraíso do Tocantins.

ARNO PREIS foi morto no dia quinze de fevereiro de 1972, e enterrado no cemitério local, sem guia de sepultamento, nem atestado de óbito.

Os policiais que entregaram seu corpo ao coveiro, disseram-lhe: "Entere de qualquer jeito, isto é um porco!".

O coveiro, Milton Gomes, pensou consigo: "Isto não é um homem. Alguém, um dia, virá procurar por ele".

Diferentemente do que aconteceu com muitos outros desaparecidos políticos, o coveiro ergueu junto ao local do sepultamento, uma pequena pirâmide de concreto, sobre a qual fincou uma cruz de madeira, o que viria facilitar sua posterior localização.

Cerca de dez dias depois de enterrado, enorme aparato policial cercou o cemitério, que até então não tinha muros, e levou um dos braços do corpo para identificação. O próprio Governo reconheceu a sua morte, no que teria sido "tentativa de fuga", segundo notícias publicadas nos jornais de grande circulação nacional, em março de 1972. Seu corpo e seu atestado de óbito jamais foram entregues à família.

“JAMAIS PODERIA QUERER ME VINGAR PELA
VIDA QUE MEU IRMAO FEZ QUESTAO DE
DOAR AO PAÍS”.

(JOAO PREIS – Deputado Estadual pelo Paraná e
irmão de ARNO PREIS)

Com idade avançada, Paulina e Edmundo, falecido este ano, passaram, já há algum tempo, o comando da família para seu filho, hoje Deputado Estadual, João Preis. Através do advogado e amigo Ivo Sooma, há muitos anos, o Deputado Preis vem investigando e tentando localizar o corpo do seu irmão. A abertura dos arquivos da Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná, por determinação do Governador Roberto Requião, possibilitou o acesso às informações que constavam na ficha de ARNO PREIS, e foi fundamental para que as peças do quebra-cabeça fossem montadas.
Com a localização do corpo, que já se tem certeza ser de ARNO PREIS, e com o apoio da Comissão de investigação sobre desaparecidos políticos da Câmara Federal, que através do seu Presidente, Deputado Federal por Minas Gerais, Nilmário Miranda, possibilitou a identificação formal do corpo com exame de DNA, com a consequente determinação da Juíza , de Paraíso do Tocantins, para que se expedisse o atestado de óbito de ARNO PREIS.

“COMO VISIONÁRIOS, CRÍAMOS QUE SOMENTE A DEMOCRACIA COM UMA POLÍTICA SOCIAL JUSTA PODERIA DAR A ESTA NAÇÃO UM DESTINO VERDADEIRAMENTE HUMANO”

(DERLEI DE LUCCA – Professora de História e exilada política de 1964)

Hoje se pode sentir, pensar e falar livremente. Hoje se pode resgatar boa parte deste período obscuro da história brasileira. Hoje, os restos mortais de ARNO PREIS, podem ser devolvidos à sua família, e pode ter ele, um túmulo e um atestado de óbito com seu verdadeiro nome.

Aquele momento político foi vivido pelos fortes, que com fibra, resistiram o quanto puderam, e se tiveram seus corpos abatidos, souberam com muita inteligência e perspicácia fazer com que suas idéias superassem o “tempo do silêncio”, e pudessem ressurgir das cinzas, para provocar, nos tempos de agora, esta devassa nos meios políticos em nome da ética e da moralização da vida pública.

